

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 23 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 121

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

«A Semana».....	A RENACÇÃO.
Galeria do Elogio Mutuo—	
XI—Rodrigo Octavio...	ALBERTO SILVA.
Historia dos sete dias....	J. DO EGYPTO.
A festa do amor, poesia...	J. DE M. SILVA.
Plafado dos «Azulejos»...	M. DE QUEIROZ.
Notas bibliographicas...	V.
A uia fonte, sei etc.....	A. FURTADO.
Palestras femininas.....	ADELINA VIEIRA.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
Historia verdadeira.....	L. TOLSTOI.
Coroa viva, soneto.....	H. DE MAGALHÃES.
Estio de 1400.....	A. CANABATE.
Gazetinha litteraria.....	
Theatros.....	P. TALMA.
Jornaes e revistas.....	S.
«Tu quóque...», poesia...	ALBERTO SILVA.
Festas, ballas e concertos	LORGNON.
Collaboração: Paisagem, so-	
neto.....	J. M. DE AZEVEDO.
» Contos e in-	» «Azulejos»
» gelos.....	LUCIA.
» A brisa, poe-	
» sia.....	M.C. V. DA CUNHA.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Reencetamos hoje, como promettemos, a nossa *Galeria do Elogio Mutuo*, quo tanto tem dndo que falar á burguezia pasiencia e a alguns litteratos burguezes, dando o retrato de Rodrigo Octavio, *elogiado* por Alberto Silva; em o n. 122 virá o retrato d'este com elogio d'aquelle.

Prna o n. 123 temos nma bella surpresa...

Depois virão Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães, Alcibiades Furtado e Vicente de Carvalho, Gaspar da Silva e Julio Ribeiro, Ezequiel Freire e Wenceslau de Queiroz, e ainda outros mais.

E' com extremo prazer, que hoje reencetamos as *Palestras femininas* da nossa illustre collaboradora D. Adelina Vieira.

Agradeceinos, de antemão, os parabens das nossas leitoras.

Aos nossoa estimaveis e estimados collegas do *Correio e Diario*, de Santos, *Diario Mercantil*, *Correio Paulistano*, *Provincia e Procellaria*, de S. Paulo, agradeceinos as lisongeiras expressões com que noticiaram a chegada, áquellas localidades, do nosso agente Francisco Fonseca e as affectuosas referencias que por essa occasião fizeram á nossa folha.

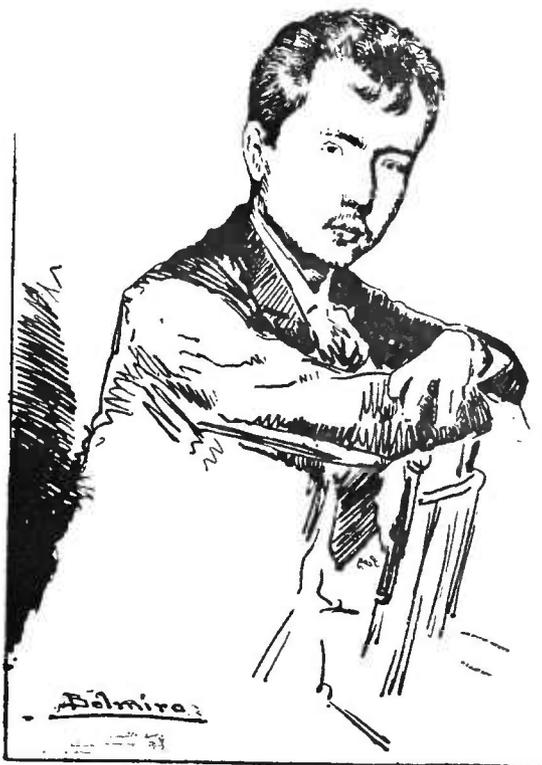
A todos um sincerissimo—obrigados!

A REDACÇÃO

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XI

RODRIGO OCTAVIO



Quando o Olavo Bilac m'o apresentou, estendi-lhe a mão vacillando...

E' que não sei nem um monosyllabo da lingua de Carlos Andersen.

Que! Era evidente pitheria do Olavo! Pois este... dinamarquez é o Rodrigo Octavio?

Sim... de Langgard Menezes! Altura mediana, rsforgado, louro, corado, com um pulvilhamento aureo no labio superior, olhos castanhos claros, levemente esverdeados, era, na verdade, só tirarem-lhe aquelle largo chapéo de lebre desabado, substituirem-lhe por umas callidas rópas a sobrecasaca, encarapuçal-o á modn dos patricios de Hamlet e ahi teriamos, á primeira vista um lutherano genuino, nm digno habitante das frias areias do mar baltico. Fosse mais franzino, esvelto, e caberia bem no palanquim azul doirado de uma canção oriental; poderia pizar o palacio deslumbrante de algum Vid-darba, seduzir o coração ingenuo ds encantadora Damayante, como um principe encantado, um trovador peregrino.

Porém, gordo como é, melhor fica na sua sobrecasaca, no supracitado sombrero, s captiva... elle bem sabe quem é a sua, quem são as suas Damayantes...

Perdão! minha senhora. Mas, sou obrigado a dizer a verdade.

Elle ama tambem, a outra, ama-a'dou-damente.

Não empallideças: Camões tambem,

No tempo em que do amor viverois, Em varias fiammas variamente ardia.

Tendes toda a razão; porém eile, o ingrato, o traidor, elle tem mais ainda.

Essa cruel Armida quen arrebatou, que vol-o rouba, essa poderosa Circe... ella tem o direito de preedencia. Não a odieis.

E' tão boa, tão ingeuna e linda! Como é generosa!

Daé ao vosso poeta um sorriso e ella vos agradecerá o mimo; atirae-lhe uma flor em que ella a transformará em nma borboleta que vos vá beijar a trança. As vossas lagrymas guarda-as em escri-nios de ouro, como raros diamantes, fecha em finissimos, facetados crystaes e essencia mysteriosa dos vossos suspiros.

Immaculada, tem por elle um amor como o de Pery, sem cinzas: — amor dos anjos.

E... conheceis-la; e até: amais-la mais a vossa rival!

Essa que lhe ensina os sonhos que elle vos conta, as historias de Willes que dançam ao luar, os segredos e blandicias de Romsu que elle desfere na lyra apaixonada... Coroa-se ds flores como Virginia, scisma de amor como

Julieta, menos deslitosa que esta, mais amorosa que aquella.

Tem um nome mais doce que o dos filhos de Israel. Deixa que o eleito de vosso coração redobre de paixão por ella, deixa que continue a alisar firme, convictamente, como o teu facto, como o fará a vossa bella rival,— a Poesia.

E quem poderá arrancar Rodrigo Octavio a essas seduccões de martyr d'essa outra religião; e, como Santa Thereza, engolpha-se nas visões serenas de um porvir esplendoroso como um penetral de luz, aberto, longe, na treva tristissima e oppressora que a cerca, que cercou todos aquelles que se voltam para o mundo tentando medir com os olhos da alma, com as azas do sonho, a interminada distancia do Bello, da Suprema Aspiração...

Hosannas aos que não perdem a coragem, não npostasiam antes do termo da escabrosa viagem; aos que, como Jesus, o Poeta da Caridade, o Inspirado do Perdão, chegam até o derradeiro marce milliarior— chegam até á cruz que lhes aponta, n'uma expansão de gloria, com os braços abertos, os horizontes azues, infindos, luminosos da liberdade eterna!

Rodrigo Octavio, porém, inda não foi fortemente golpeado na lucta.

Suas tristezas parecem antes o sentimento de nma dor que tarda, do que a cicatriz de uma desgraça que o feriu. Contempla o mundo desolador e entristece-se com as affições dos outros; conhece as deslillmões da sociedade onde inda não pagou o cruel tributo seu bello coração.

Foi assim que escreveu *O sineiro*, *A margem do Parahyba* e outras lindas poesias. A sua vida é floresta pela primavera illuminada e florida, senão virgem do golpe atoador do rigido mangil, comtudo inda não ennegrecida pelo incendio da destruição, e, onde, emquanto talvez cauteloso tigre occultase, embosca-se, lubrica, boa famelia, constantemente.

«Rufando as azas, sacudindo as pennas,»

voeja, em choréas aeræas, a etrididia passarada alegre e trilhante. Recesse cortado de sombras e claras faixas ds sol vivificante.

Tem nella prantos, como a floresta possuiu diamantes, s risos como nos cochos da espessura ha-o veio nitido de ouro.

Verdade que, para elle alcançar a Andromeda da sua felicidade, não se fez ainda mister combater minotaurões... Ella entrega-se-lhe sem pejos, sem lucta.

D'ahi não terelle o impeto de Tantale, que morde as cadelas, o surto do Prometheu que se liberta e arremette medonho, allucinado, contra o cén, em busca do sonhado Ideal impossivel.

D'ahi a placidez de seu viver, que lhe transparece nes poesias.

Não tem occasião de dizer como Victor Hugo:

Je suis le poete farouche,
L'homme devuir,
Le souffre des douleurs, la bouche
Du clairon noir.

Ama a mulher não só pelo que ella é, mas pelo que lhe recorda, lhe inspira de angelico é mysterioso.

O amor? eis sua divisa:

Il resterait peu de choses
A l'homme qui vit un jour,
Si Dieu nous ôtait les roses,
Si Dieu nous ôtait l'amour.

Contudo, se não faria na *Canções do Sangue*, do auctor das *Carresses e Blasfêmias*, é bastante honra ser dos mais dedicados discipulos de F. Coppée, ter a delicadesa esmerada do Prudhomme, que todos lhe reconheçam.

Sae-lhe um soneto das mãos como uma taça lavrada por Celline, transbordando do nectar de inebriante inspiração.

Leve-os assim nos *Pampagos*, seu livro do estêria.
Possue-os no que entregou ha dias ao prelo—*Poemas e Idyllios*, o qual virá mais confirmar o seu invejavel talento e assegurar-lhe logar honroso entre os nossos bons poetas.

Falta-me dizer que tem a gloria de ser filho de Campinas—berço de Carlos Gomes—, onde nasceu a 11 de Outubro de 1866; que se estreou como advogado nesta cidade ha mezes, com muitos galbos da imprensa e o toiro do Paiz, o qual, infelizmente para o nosso poeta, não deixa de ter na litteratura — echos de toda parte...; que é secretario do Gremio de Letras e Artes, e...

La-me esquecendo do traço negro, não digo bem, — quasi negro; avermelhado da sua individualidade... é o guarda-chuva que lhe pende do braço curvo, onde o poeta o traz sempre, escandalosamente enghanchado...

Reparo agora que elle talvez não fique contente com o que eu disse. Pintor tão louro que é capaz de ficar furo... de colera e, no proximo sabbado virar-se de mim, que sou moreno, importando demais a tinta e exhibindo-me ali um descendente de principes de... canitar; tinto de urucú, atado de acangapés e acoyabas, soprando desastradamente agudo napy, a emergir das sombras cheirosas dos palmeiras do antigo «Morro dos Caboclos» no flanco virgineo e florido da Nictheroy das saudosas tradições do Tupan.

Esperemos.

ALBERTO SILVA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Embora os boletins dos medicos da imperial camara affirmem que a saude de S. M. não corre perigo e que o seu estado é cada vez mais satisfactorio, continuam a correr boatos inquietadores, que, por seu turno, affirmam não ser a cousa tão lisongeira como se diz officialmente, e que a *diabéti*—de que não dão noticia os medicos palacianos, mas de que é sabido soffrir ha muito o Imperador,—continua na sua marcha fatal. O que ha mesmo de verdadeiro em taes noticias e boatos difficillimo é saber-o. Mas não resta duvida de que anda ali dentinho de coelho.

Z' Per já está acostumadissimo a ignorar a verdade e a «ir de embrulhos» em todas as questões graves e de importancia.

Portanto, é não se preocupar com isso, certo de que o que for, a seu tempo, embora muito mais tarde, ha de soar. Custa pouco esperar... quando se tem mais que fazer.

A admiração publica foi durante a semana quasi exclusivamente monopolizada pelo Jury.

A elle o embasbamento boquiabertissimo do Z' e a gratidão do historiadador hebdomadario, torturado pela necessidade de contar *historias*, pela falta da historia.

A principio foram as enormes difficuldades em reunir numero legal de jurados para funcionar o tribunal. A inexecução das multas impostas, mas não cobradas, traz de quando em

quando o displicente resultado de se abrir a sessão mensal de julgamento muito tarde, depois de multiplos soccorros da urna supplementar e de innumerns massadas. Foi o quo se deu d'este mez. Finalmente entrou o jury a funcionar. Antes não comoçasse, pois tem feito disprates e injustiças de todos os tamanhos, cores e feitios.

No dia 16 condemnou a 25 mezes de prisão com trabalho e multa de 12 1/2% do valor roubado a um sujeito que roubou um relógio despertador, 78500 em dinheiro e uma ceroula.

O jury nem ao menos lembrou-se de que o bomein podia ter feito mão leve sobre o relógio despertador com o fim unico de servir-se d'elle para despertar a consciencia nos momentos psicologicos da surripiagem.

Para desfazer a má impressão produzida por tão excessivo rigor, absolueu, no dia 21,—por dez votos!—o italiano Exposito que ferira a marteladas uma mulher, na rua de Gonçalves Dias.

No dia 19, porém, foi que o Jury deu a mais bella copia do seu criterio, da sua imparcialidade e da sua illustração, pois foi o mesmo conselho que fez proezas identicas aquellas.

Julgou primeiro um italiano, por signal chamado Paganini—o que teria permittido ao Sr. promotor publico exclamar, depois de narrado o crime: «E que tal o da rabeca?»—acusado de ter furtado tres contos do vigario, digo: tres contos de reis, mas contra o qual não havia nos autos *uma só prova*, apenas indicios para a pronuncia,—e condemnou-o à mesma penna com que fulminára o ladrão da ceroula: julgou depois um sujeito que ferira uma mulher, mandando-lhe à *lata* uma de mantegn, delicto presenciado por testemunhas, que depuzeram contestes, e até confessado pelo reu,—e absolueu-o!

Edificante, hein?

Eu, se fosse o promotor publico, propria, ao encerrar-se esta sessão, que fosse retratado a oleo de figados de bacalhau, os inditos jurados d'este mez e que se desse a cada um d'elles o habito da Rosa ou a patente de coronel da Guarda Nacional.

Neste andar, não tardará muito que quando um typo quizer chamar a outro de desmarcado pandego, de patusco marca X. P. T. O—lue diga, com um gesto de troça:

— Homem, Você é um jurado!

E quando voltar um suco de um regabofe desabotinado, dirá, bamboleando cabeça e quadris:

— Venho de um jury de repicaponto! Um jury de trescentos dinhos!

Eu quizera experimentar a sensação que sentio o Sr. Dr. Lacerda Werneck ao receber, na primeira delegacia de policia, o bilbete n. 4119 da loteria do Ypiranga, premiado com 150 contos de reis, o qual se havia extraviado por artes de berliques e berloques e por artes de berloques e berliques reapareceu.

Não seria lá pelos mesquinhos 150 contos... está visto. Quem ha que possa ter sensações novas por tão insignificante quantia?

Seria somente pelo prazer de reencontrar-me com o meu extraviado bilhetinho, ver-lhe a cor, apalpá-lo, ler-lhe o numero, guardá-lo na carteira e ir jantar tranquillamente, com a modestia do costume, apenas com a differença

de ouvir a mysteriosa musien que elle me havia do cantar dentro do bolso.

No dia seguinte, se não chovesse e eu me lembrasse de tal, iria talvez trocar aquelle pedacito de papel lithographado pelos cento e cincoenta contos que competiam ao seu possuidor. Mas não seria lá pelo dinheiro, repito, que eu desejaria estar no caso do Dr. Werneck. Seria cá por cousas...

Muito amiguinha dos senadores mineiros se tem mostrado ultimamente a Morte. Dentro em poucos dias, levou nada menos de tres—Martinho Campos, Antão e Luiz Carlos.

Tres curiês vazias. Vae ser um sarilho tremendo de candidaturas, chapas, circulares, cartas, pedidos, intrigas, opposições...

Quem deve estar contente é o Sr. Cesario Alvim, pois não é provavel que não consiga encaixar-se em alguma das tres listas triplices.

Até parece que fez pacto com a Morte. Crédo! Para não perturbar a politica mineira e tranquilisar os candidatos, devo declarar desde já que o não sou, pois, felizmente para mim e infelizmente para a patria amada, ainda não fiz quarenta annos.

Houvo duas perspectivas de duello durante a semana. Já se sabe:—entre jornalistas. Felizmente não houve troca de balas, mas de explicações; não houve derramamento nem de sangue nem de *champagne*, mas apenas de tinta.

Os apertos da dignidade solveram-se como apertos... de mãos, e os actos causadores das pendencias terminaram em... actas.

Mudança de vogal, apenas: porque tudo o mais ficou na mesma.

Eu sei quem gosta d'esta introdução dos duellos para desatar questões de imprensa.

São os nossos visinhos Guimarães & Ferdinando e seus collegas negociantes de papel e tinta.

Bem bom... para elles; e para nós tambem, que não nos vemos obrigados a derramar por estas tras abaixo, como se fossem actos de um drama de D'Ennery, Parahybas de sentido pranto—o que constiparia naturalmente estas pobres e tão ensossas *historias*.

Viva o duello e chova... descompostura!

JOSE DO EGYPTO.

A FESTA DO AMOR

Na sala, a peccorrucha huliçosa
Dizendo graças e a fazer piruetas,
Sacudia o vestido cor de rosa
Bem como azas sem fim de borboletas.

Em cachos balançavam as madeixas
Fingindo grupos de serpentes de ouro;
Flores de aurora se abrem nas bochechas
Das maçãs sahorosas do vindouro.

As chrystalinas, lepidas risadas,
Repiques miudos de harmoniosos trillos,
Têm a pureza, em noites estreladas,
Da orchestra aguda de infinitos grillos.

As scentelhas dos olhos, lampejando
Das trevosas pupilas nos negrumes,
Lembram na escuridão a valsa quando
Nam-ram, piscam muitos vagalumes.

O vôo recortado e a tão graciosa
Risada de convulsas campainhas,
Si as andorinhas fossem cor de rosa
Fôra um baile no azul das andorinhas.

Sentada a mãe, sorrindo, triste via
Do anjo do tar ditoso a garrulice,
E no longe, no passado, decesscia
Com saudades da sua meninice.

Eis que a filha cançou: ligetnos passo.
Pra ella volta chela de carinho;
Como o pombo inda implume estendê os braços,
Sobe num beijo até chegar ao ninho.

Encosta a fronte no pomar do seio,
E no abraço embebida e reclmada,
Ao canto meigo e estremecido ancelo
Imita a flor de muito sol caçada.

Abre num beijo do somno na indolencia,
Ergue os olhos, em vão, tremeluzindo,
E nos sonhos doira os da innocencia
Antes que o riso acabe dorme rindo.

Quadro impossivel mesmo a um novo Rubens:
Num canto e reza, a mãe á creança amta,
E ella sonha que vaga sobre as nuvens,
E que ouve um côro angelico de cima.

J. DE MORAES SILVA.

PREFACIO DOS «AZULEJOS»

(Conclusão)

Mas o encanto maior, para mim, está nessa vibrante e fina sensibilidade, meia chorosa e meia risonha, que em cada pagina palpita. Tu começa por ter umn emoção triste em presença da vida. Oh, não dorrannas do certo os prantos obstinados do elegiaco, nem te devasta a desolação do propheta! Bem longe disso! A tua é uma melancolia leve, resignada, como a pôde sentir quem, tendo um temperamento sympatico ás dores humanas, comprehende ao mesmo tempo que ellas são a parte inilludível, quasi necessaria, d'um mundo em que é delicioso viver. Ora, esta fé mundana no encanto da vida mantém desde logo a tua emoção num tom justo: impede-a de cair no *sentimentalismo* e no *sensibilismo*; e é ella que te dá essa ironia, tímida e esbatida, mas bem visivel, que parallelamente a uma tristeza doce atravessa os teus contos, corrigindo o teu vago enternecimento de apaixonado com o seu traço de finura critica.

E assim sensibilizado, vibrando sufficientemente para sentir a subtil poesia das cousas; amado d'uma ponta de ironia para impedir que as tuas creações se te azulem de todo sob a penna, num impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas—tu podeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poetica e de verdade humana. São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente *azulejos*. A cor é azul, e portanto idealizada; mas nessa idealização de tom que pertence á imaginação e ao sonho— as figuras, pela exactidão do desenho, permanecem na Realidade e são seguras expressões de Vida.

Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na nevoa dourada e tremula da Phantasia, satisfazendo a necessidade de Idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a secca curiosidade do Real que nos deram as nossas educações positivas,—parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer nas regiões da Arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma historia, imaginada ou lembrada. Doce occupação essa, amigo, a de Contista, nos vagares

d'um casto Decameron: nella encontraris um prazer a-bravemente fino n perfeito. A Arte, paru os que não se enclausuraram tolos nella como nos muros d'um mosteiro, poetisa singularmente a existenci. Se illu é na intimidade uma exposita clumeta, absorvente e devorador—mostra se áquelles que apenas de longo n longe dão com ella um passeio furtivo nos vultos bosques de louro Delphico, cheia de graças e de encanto que eleva! Pegar penosamente á rabign d'um arado de ferro, o illo empurrando desde u alvn no crepusculo, por uma gleba resequida e empedernida, á labor doloroso e que enle o ar de gomidos: é o labor d'um Flaubert, erguendo heroicamente: palavra a palavra o seu monumento, com um penha rebelde. Mas, neste mesmo campo, tratr d'um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando ha frescura e sombra, á cousa repousante e salutar: o Conto é esta leve flor d'Arte que se cultiva cantando. Distracção que encerra uma educação: passar o dia, longe da Casa Havaneza e das suas pompas, aperfeçoando uma phrase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da Imagination, colorindo do luz e verde um canto de paisagem — é nun alta lição de gosto que onobrecer o afim mais delicadamente todo o ser.

E depois, amigo, a Arte offerece-nos a unica possibilidade de realizar o mais legitimo desejo da Vida — que é não ser apagada de todo pela Morte. Agora que o Espirito, tendo uma consciencia mais segura do Universo, se recusa a crer na capciosa promessa das Regiões de que elle não acabará inteiramente, e irá ainda, em regiões do azul ou do fogo, continuar a sua existencia pelo estasi ou pela dor — a unica esperanca que nos resta de não inorormos absolutamente como as couves é a Fama, essa Immortalidade relativa que só dá a Arte.

So a Arte realmente póde dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza — «Tu não morrerás inteiramente: o mesmo amortalhado, mettido entre as taboas d'um caixão, regado d'agua bonta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda quo, fixado definitivamente na tua obra, pareça immobilizado nella como um mumia nas suas ligaduras, elle terá todavia o supremo symptoma da Vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e atravez das croações d'elles estará perpetuamente creando. Mesmo o teu riso d'um momento reviverá nos risos que fór despertando; e as tuas lagrimas não seccarão porque farão correr outras lagrimas. Ficará para sempre vivo, por te misturares perpetuamente á vida dos outros; e ns mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações. Assim não desaparecerás nem na tua forma mortal: e serás d'esses Eternos Videntes, mais eternos que os Deuses, que são os contemporaneos de todas as gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha. Espiritos originaes a que se accendem os outros espiritos para que se não apague o fogo perenne da Intelligencia — eguaes a essas quatro ou cinco lampadas que leva a grande Caravann da Mecca, para que a ellas se ncedam

lareiras e tochas, e a Caravann possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

Esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque so ella tem a duração—é tudo, o resto é nada! As Sociedades, os imperios são varridos da terra, com os seus costumes, as snas glorias, as suas riquezas: e se não passam da memoria fugilindos homens, se ainda para elles se voltam piolosamente as curiosidades, é porque d'olles ficou algum vestigio d'Arte, n columna tombada d'um palacio, ou quatro versos n'um pergaminho. As Religiões só sobrevivem pela arte, so ella torna os deuses verdadeiramente immortaes — dando-lhes forma. A Divindade fica absolutamente divinn—quando um einzal de genio a fixa em marmore; inspira então o grande culto intellectual, que é o unico desinteressado e o unico consciente: já nada tem a soffrer do Livre exame; entrn na serena região dos Incontestaveis e só então deixn de tentheos. O mais austero catholico é ninda pagão, como se era em Cithern, deante da Venus de Milo. E a Nossa Senhora do Ceu só tem ndorações unanimes e louvores aem contestação, quando é o pincel de Murillo que a ergue sobre o Orbe, loura e tonca-la d'estrellas.

A Arte é tudo—tudo, o resto é nule. Só um livro é capaz de fazer a eternidade d'um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos ospiritos: foi lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero o ouco nas Sociedades—sobre tudo o que n'ellas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakspeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os saccos d'ouro d'elles, e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos d'ellas? Onde estão as rosas de York que floriram então? Mas Shakspeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado do *Globe*, elle dependurava a lanterna que devia ser a lua, triste e amorosamente invocada, allumiando o Jardim dos Capuletos. Está vivo d'uma vida melhor, porque o seu Espirito fulge com um sereno e continuo esplendor, sem que o perturben mais ns humilhantes miserias da Carne!

Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se sarcoteia com um brilho de lantejoulas—do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêm multidões de politiquetes e de politices enrofiados, enplumados, atordoadores, caquerejando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade que d'aqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguém se lembre dos Ferry, dos Clemenceau, dos Canovas, dos Brigh? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*? Para o saher precisas desenterrar e esgaravatar com repugnancia velhos jornaes bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás differenciar com nitidez o sujeito Baroche do snjeito Troplong: mas de *Madame Bovary* sahes a vida toda, e as paixões e os tedios, e a cadellinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia á quinta-feira na *Hirondelle* para ir encontrar Leon a Rouen! Bismarck todo-poderoso, que é Chaceller e de ferro, d'aqui a duzentos annos será, sob a ferragem que o ha de cobrir, uma d'essas figuras d'Es-

tado que lornem nos archivos e que pertencem a uma erudição historica: o Papa Leão XIII, tão grande, tão presente que até as crianças lhe sabem de cór o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos Papas, que uma vaga tiara com um numero; mas duzentos annos passados, e mil—e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem n Allemanha nem a Christandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje na memoria grata dos homens. Porque? Porque um dia, uma ilha da Mancha, ao rumor dos mres e dos ventos, elle escreveu alguns centos de versos que se chamam a *Lenda dos Seculos*.

Bem melhor do que eu o diz a curta canção:

«De vingt rois que l'en encense
«Le trepas brise l'autel
«Mais Voltaire est immortel!»

Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um relatorio, hão de viver tanto como os marmores do Partheuon? Ai de ti! ai de mim! O sol dá luz, existe assim coruscante e redondo ha centenas de seculos, o a Sciencia ninda lho allunça longos milhares d'annos de esplendor e de gloria no alto dos seus: mas em nossas casas os phosphoros de cera tmbem pertencem á substancia que dá luz, e quando allumiam tremulamente um minuto já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de Arte, mo-estas e simples: contenta-te que, como flores, elles durem uma manhã de verão. Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: sou-lhes a minha vida toda e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laborioso insulção d'alma, suia aquella ceza fria, inerte, sem voz, sem palpitacão, amortalhada n'uma capa de cor!

Mas emfim, consolemo-nos, amigo! Pode hem succeder que um dia, mais tarde, um d'esses amadores d'antiguidades que se entretém n revolver o lixo dos tempos, encontre, n um recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roido dos vermes, um dos nossos livros, estes teus mesmos *Azulejos* agora tão frescos e lustrosos ao sol. E, por curiosidade archeologica, pode ser que esse paciente excavador das edades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E quom sabe? Talvez n *Guitarra do Brazil*, gemendo dolentemente do fundo do passado, o enternega um momento: talvez respire nos *Aromas Campesinos* o viço e a graça idyllica d'aldeas e varzeas sobre que já então terá rolado, niveladora e despoetisadora, uma nova machina da Civilização... E lerá o livro todo: e o que tu pensaste fal-o ha pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas creações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espirito, por deante do sn tuas lampada — tendo recebido no espirito delle uma encarnação fugitiva: e por ellas o teu ser, disperso na substancia, estará um instant misturado a um ser vivo, e palpitando na sua vida tola... E quem usará dizer que isto não é uma resurreição?

So, por isso, amigo, vale apena que te venhas joatar áquelles que, como dizia Carl L., são «simples fazedores de livros». E se por acaso, nunca tivesse de chegar esse dia do Reviver, — ao menos em vida, achando-te entre «fazedores

de livros», estarás na miratratada d'homens que têm uma nobre occupação n existencia, uma magnifica nmlição, generosidade, alegria, calor e enthusiasmo. E isto não se encontra em todos os vassallos d'l-rei!

Traz pois o teu livro, uma resma de papel para fazeres outro, e toma o teu lugar, seguramente e largamente, n esta illustre Companhia.

Brazil, 12 de Junho de 1886.

E. A. DE QUEIROZ.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

A *Seleção Literaria* seculos—XVI a XIX, dos Srs. Fausto Barreto e Dr. Vicente de Souza, conquistn seja obra de valia, não está na altura do talento e da illustração ds seus auctores.

Não é que não seja bom quanto ali enfeixuram: a escolha dos trechos em prosa como em verso n feita com critério e bom gosto; mas ó que a obra revela, por incompleta e futil, a precipitação com que foi elaborada.

Isso conhece-se não ao pelos apenas da ordenação dos trechos, que não estão claramente separados, estabelecendo difficuldade para a procura o deslelengancia á vista, como pela ausencia de escriptores modernos. Não figuram, na seleção prosadores como Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Pinheiro Chagas, Lucio de Mendonça, Quirino Bocayva, Jose do Patrocinio, Capistrano de Abreu, Arcejo Junior, Ray Barbosa e outros muitos. Entre os poetas não se encontram justamente os mais notaveis dos modernos: João de Deus, Guerra Junqueiro, Guilherme Braga, Goncalves Crespo, Guilherme de Azevedo, Claudio Nunes, Gomes Leal, Anthero do Quental, Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias, Olvvo Bilac, Luiz Guinarrães e muitissimos outros. Os poetas contemporaneos, vivos, do Brazil, apenas ali se leem Machado de Assis, Mello Moraes Filho, Barão de Parana-piacaba e Dr. Velho da Silva. Tudo isto, não ha razão de queira nem de censura por tantas e tão graves omissoes, visto que omitido não foi o cataplasmoso e chulo versificador Mallo Moraes, que figura com uma composição mais justamente intitavel *Ponte de asneiras*, em que, entre outros, se encontram as linhas que a lá trépan, vão topar os ares, «um polvo de lianas» «que alastra a fresta» e um echo, que, á pergunta: «Que é da trihu que vinha aqui?» responde: — «repercutiu aonde, aonde...»

Não terminaremos estas rapidas notas sem fazer menção e elogio da introdução grammatical que fez á parte em prosa o Sr. Fausto Barreto, a da que, sobre verificação portugueza, escreveu, para abrir a parte em verso, o Dr. Vicente de Souza.

E de esperar que a segunda edição, preparada com tempo, sem urgencias de acabamento, não seja merecedora dos leves reparos que com justiça aqui fazemos á primeira.

Recebemos, bellissimamente impresso na casa Leuzinger, o 3.º fasciculo do *Atlas des maladies de la peau Dermatologie et Syphiligraphie* accompanhado de uma esplendida phototypia.

Esta obra importantissima, que scri, quando concluida, uma gloria para a medicina brasileira, é mais uma atriunção brilhante do talento e da illustração do Dr. Silva Araujo, medico da Policlínica Geral d'esta corte, e, incontestavelmente, o mais distincto dos nossos dermatologos. Este fasciculo, consagrado ao estudo da *Elephantiasis*, divulga os maravilhosos resultados obtidos na clinica do illustre Professor no tratamento d'essa molestia.

Agradecemos penhoratissimos a re-
tessa do fasciculo.

Do edictor Garnier (que não chamamos *incançavel* porjá estar muito cansado este adjectivo em referencia áquelle edictor) recebemos um exemplar d'uma recentissima obra do advogado

conselho de Almeida Oliveira—A lei das execuções ou a Consolidação e concordância das disposições que, segundo a lei n. 3272 de 5 de outubro de 1885 e o Regulamento n. 9913 de 23 de janeiro de 1886, regem as acções hypothecarias e de penhor agrícola e as execuções commerciaes e civis em geral.»

O fim de esta obra é, como explica o auctor, poupar aos que lidam no foro o enfadonho e penoso trabalho que exige o estudo da parte relativa à acção hypothecaria e as execuções em geral, consolidando em methodica exposição e concordância as disposições que, segundo a dicta Lei, estão hoje em vigor.

Na primeira parte dá o conselheiro Oliveira a integral da Lei e do Regulamento, abundante e criteriosamente annotada, e na segunda parte a consolidação de todas as disposições hoje em vigor, n. respectivo da acção hypothecaria e do penhor agrícola e das execuções commerciaes ou civis, por dividas em quaisquer obrigações, posteriores a publicação do dicto Regulamento.

Ao lado de cada disposição consolidada vem a citação da respectiva fonte da Lei ou do Regulamento, o que muito facilita o estudo o abrevia a consulta.

Com esta obra, que preenche cabalmente os seus fins, prestou relevante serviço ao nosso foro o distincto advogado que tanto o illustra.

Do nosso collega do *Jornal do Commercio* Alfredo Camarate recebemos um exemplar do seu livro *El castero*, luxuosamente encadernado, capa de panno vermelho com as dizes abertos em letras do ouro. Do rapido folheio que fizemos da obra, parte da qual já foi publicada naquelle folha, recebemos excellente impressão, que acreditamos será confirmada e accrescida pela leitura de toda ella.

Não podendo neste numero dar um juizo do *etc.*, transcrevemos em seguida as judiciosas e humoristicas observações seguintes do *Alamiré* com que abre o livro e, em outro lugar, o curiosissimo epilogo-errata.

Diz Camarate no *Alamiré*:
«Lector. Se teus filhos, deliciosos e rosados pimpolhos, que te echem o coração de risonha esperanças e as calças de baba e de gordura; se, no berço, os contemplos, ternos, embuecidos e em aspirações ambiciosas de futuro, architectos planos fantasiosos sobre o porvir das perpetua-luzes da tua raça e das tuas manhas, riscas, absolutamente do teu indeciso e nebuloso programma a profissão de jornalista!

Vespa que zumba e esvoaça, sem que deixe no ar o perfume mel das abelhas; artefacto que nunca chega a ver a obra que, com as suas mãos, ergueu, litterato sem livro, talento sem posteridade, creatura sem vintem! Da abundante rhetorica que vintem, no exercicio da sua augusta e pilla inissão, nada fica que o recorde as vindouras gerações. Moureji, para caminhar com applauso de todos, e vive sempre n'uma atmosfera de descontentes! Tem amigos por dous dias e adversarios por trinta annos. Credores, creio eu, que os tem todos e por toda a vida! Da materia que tem espalhado pelas jornaes, modesta no valor, mas grandiosa no volume, poderia formar dezenas de alentados tomos e, todavia, só depois de quatorze annos de praça nas milicias do jornalismo, é que pensei por em livro alguns trechos, elaborados exactamente quando seria e pertuaz doçena me alquebrava o corpo e o espirito.»

V.

PALESTRAS FEMININAS

RENASCIMENTO

E' absurdo dizer-se que é uma felicidade a tocer gravemente, não é vaidade? Entretanto, quando está em risco a nossa vida, aprendemos a conhecer os amigos sinceros e a ter compaixão sem azedume dos ingratos que nos abandonam.

Na convalescença vemos o mundo sob outro aspecto, é tudo novo para nós, e olhamos cheios de admiração para a natureza, parecendo-nos nunca ter parado em tanta maravilha.

O ceu! O mar! Que assombro!
Como é suave o viver depois de ter sentido quasi o despreendimento da morte!

A medida que vae voltando a saude, vae a terra colorindo-se a nossos olhos com umas tintas desconhecidas, brilhantissimas, ideaes!

Que brilho têm as estrellas!
Como inebriam os aromas dos jardins!

Sentimo-nos leves, parece-nos que temos azas e que ao com esforço estamos poucos pousados; se nos distraíssemos, variaríamos, mas não nos distraímos nunca; temos taute que ver, taute que gozar!

Como então nos sentimos amados!
Durante as longas horas de febre, quanto carinhos e dedicações desinteressadas, quanto sorriso disfarçando prantos!

Das terças partes dos amigos que julgavamos ter desertam—mas a que fica como nos anima e negra! como nos faz comprehender o ceu na terra!

Que delicioso é, ao convalescer, ficar commodamente recostada em uma cadeira de balanço, a olhar pela janella aberta para as figuras bisarras das nuvens brancas, purpuras e doiradas, ou a seguir preguiçosamente com a vista os vãos circulares das andorinhas, ou a sorrir para o conforto e bem estar, que nos obriga a cerrar os olhos e olhar para o passado sem saudades e para o futuro com enthusiasmo.

E' a vida que começa, com todas as suas promessas e encantos.

Não resisto ao desejo de contar aqui um episodio, concluido ha mezes, da vida de uma das minhas mais queridas amigas.

Anara ella, desde criança, um rapaz que, por não sci que motivo, foi á Europa, jurando, como todos, á despedida, um amor eterno e uma volta breve. Deixou de dar noticias suas um mez depois da partida e nunca mais se soube d'elle. Uns diziam que casára em Paris, outros que estava na Italia, captivo dos negros olhos de uma celebre condessinha, outros emfim, que morrera.

Ella, Irene, esperava sempre. Apresentaram-se varios casamentos vantajosos e a resposta de Irene era invariavelmente esta: Não. Amo outro.

Nada a alegrava; a mãe, as irmãs, as amigas pediam-lhe, chorando, que esquecesse o ingrato; mostravam-lhe com cores vivas, a vileza do procedimento do perjurio, aconselhavam-na a que, por compaixão pelos seus, procurasse esquecer-lo, mas só alcançavam prantos e maior desanimo. Um dia, mais de dez annos depois da partida de Horacio, Irene, ao sair da igreja onde tinha ido, como costumava, chorar o seu amor perdido, viu montado n'um formoso *pur-sang* o seu tão idolatrado noivo. Elle não reparou n'ella e continuou garbosamente a fazer *corcovar* o cavallo, comprimentando com o fino e elegante chicotinho a todos os conhecidos que encontrava. Não ae descreve a alegria de Irene. — Elle no Rio! Chegára com certeza na vespera á noite, e a sua primeira visita scria para ella. Talvez elle para lá fosse agora! E' l-a a correr, arrastando consigo a Baby, a irmãsinha que a acompanhava. Em casa, vendo que elle não chegára, que reboliço! Arrumava e enfeitava a casa, febrilmente, beijando com frenesi, mil vezes, os cabellos brancos da santa que sorria estatica, com a alegria da filha; abraçava impetuosa as duas irmãs-inhas Ida e Noir (a loura Baby) e quasi as suffocava. Fez *toilette*, frisou os cabellos por tanto tempo alisados apenas, e esperou alegre e irrequieta. A' noite principiou a impaciencia, a angustia. A's 11 horas fechou as janellas e deitou-se; não dormiu. Levantou-se cedo, pallida e nervosa e esperou em vão o dia inteiro. Na terceira noite foi ao Lyrico, onde ainda não tinha querido ir. Elle lá estava, correcto, percorrendo com o binoculo o sorriso os camarotes. Irene veio á frente fazendo valer a sua formosura e o seu *toilette* de gaze rosa china.

Elle olhou para ella de passagem, indifferente e continuou a sua inspiração sorridente. Ella, insensível ás immensas bellezas da *Gioconda*, só n'ella via e notou que durante o ultimo acto consultava a miudo o relógio e parecia impaciente. Ainda não terminára a ultima scena quando o viu erguer-se e sair parando no segundo á porta para trocar algumas palavras com um sujeito que o chamara e que era um

amigo velho da familia de Irene. A minha pobre apaixonada levantou-se tambem e tomando a capa sulio do camarote apressadamente, sem falar á familia que a seguia assustada. Esperou em bniço, á sahida o seu dedicado amigo, o Dr. S... e perguntou-lhe, sem lhe dar tempo quasi de reconhecê-la: O que lhe disse Horacio, agora, ao sair da platéia? Oude ia elle? — Pois tambem o vio e reconhecen? perguntou o doutor perturbado. — Sim, sei que está no Rio ha dias, e quero ter a certeza de que me esqueceu de todo, para poder odiar-o. Mas responde por piedade! — O velho levou-a para um canto e disse, olhando-a em face: — Horacio ia esperar aos bastidores a dançarina hungara, a anagra Leonia, que adora, com quem veio e com quem parte depois de amanhã para a Italia. — Obrigada, meu amigo, balbuciou a misera. Foi para casa silenciosa; no outro dia tinha uma febre medonha.

Esteve tres mezes morta, quasi, inerte; dir-se-hia que sem pensamento.

Levaram-na para o interior de Minas, e lá, rodeada das florestas e dos carinhos dos seus, voltaram-lhe pouco a pouco a vida e a força. Iam encontral-a, a chorar e sorrindo, e se lhe perguntavam porque chorava, dizia: — Choro porque vivo. Não choram as crianças ao nascer? Saúdam a existencia, com dôr talvez; eu tambem rio e choro de ventura.

Voltou ha oito dias, a desolada Irene, formosa e alegre como nunca fora, cantando noite e dia, e falando em Horacio para lastimal-o como se lastima um louco. Parece que se não recorda de que foi elle toda a sua vida durante treze longos annos! Se lh'o fazem lembrar, diz aorrindo: — Isso era na outra vida; a visionaria que tinha o meu rosto, o meu nome, já morreu. Eu sou a alegre Irene, cuja vida interrompida aos treze annos, só agora continúa. Dizem que tenho vinte e seis! Eu digo que tenho quinze, tão nova e feliz me sinto! A febre má, ao partir, levára consigo os pezares, a nevrose, os sonhos morbidos d'aquella imaginação doente.

Bendito renascimento!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

A UMA FONTE

A AFFONSO L. G. DE CAMARGO

Gosto de ver-te, fontes dha, em meio
Fulgidos seixos trepida correndo.
Soffres tambem, constantemente, vendo
O sol, que tanto afflige-te, no seio.

Elle em purpura nuvem sonha, tendo
Na fronte o estemma real; sonha, o aneio
Teu inutil não vé, misero veio;
Nem vé, te vae em lagrymas fazendo.

Mas, ai, ó fonte de chorosos threnos,
Se, longe delle gemes noite toda,
Tem dia todo prantos mais serenos.

Mas eu! do diume matam-me os venenos.
Ardo sem vél-a na paixão mais douda,
E dera a vida para vél-a, ao menos!

14-4-87.

ALCIBIADES FURTADO.

NOTAS PHILOLOGICAS

E' o clima um factor incontestavel a que se attribuem varias modificações phoneticas na evolução e expansão geographica das linguas. As condições topographicas atteatam a variabilidade da prosodia, dos vícios e dos provincialismos dos idiomas. Mas quasi sempre é difficil discriminar a influencia especial de um factor secundario quando se trata de productos complexos e de analyse obscura.

E' um facto, hoje vulgar para a philologia romana, que a acuidade das notas vocaes estão em proporção directa com a latitude regional das linguas. Assim, é que o a das peninsulas meridinaes da Europa, em regra pouco exceptuada, affecta a forma e no centro do continente e a forma i no

extremo limite boreal. A progressão do phonema, como se vé, vae do grupo para o agudo. A palavra *labbio* do italiano e *labio* do hespanhol e portuguez apparece sob a forma *labre* ao francez, e na Inglaterra tem a forma *lip*. (1)

Dest'arte facilmente se verifica a immutabilidade da oscilla vocal A, E, I, nos radicaes de identica origem: *paz, pace, paix, peace; agro, uigre e uger* etc.

Esta lei não deixa de ter casos de interferencias, e assaz curiosos, mas que aparto d'aqui para tornar mais limpida a conclusão que procuro.

Entre as differenciações que soffreu a lingua portugueza na America, avulta consideravelmente a prosodia brasileira caracterizada por a predominancia do accentu e da enoção sobre a quantidade das syllabas. A quantidade breve tão assignalada na pronuncia reinicola, transformou-se em uma quantidade *semilonga*, que caracteriza a prosodia brasileira.

Ha, porem, um facto de cuja explicação tenho cogitado, e não deixam de ser, pelo menos, curiosos os resultados da minha especulação.

No sul do Brazil, nota-se com insistencia innogavel a diptongação e coalescencia de vogaes successivas: *rio, frío, tio*, que pronunciam *riu, friu, tiu*, etc.

O facto de contrações phoneticas observa-se no sul e nas mais altas latitudes do império. Dá-se justamente o contrario no Norte onde as palavras sahem vocalizadas com maior descanço e maior dilatação das syllabas.

Estes phenomenos são devidos exclusivamente á influencia portugueza?

Creio que não. E ha um meio de verificar o meu asserto; é eliminar o factor que julgo nullo e observar ae o phenomeno, assim posto, se produz em sua plenitude.

Ora, antes da conquista portugueza, na lingua pura dos indios nota-se já esta differença de contração phonetica a unica que distingue o guarani do tupi.

Com effeito, as formas guaranis ou meridioanaes são contractas e minimas e dilatam-se e avolumam sob a força elatora do clima na lingua do Norte ou no tupi.

Deste modo é que os vocabulos *tu ou tur, ti, pe*, do guarani, tomam as formas mais amplas no falar dos tupis, *tura, tiba, pema, e pema*.

Vê-se d'aqui que o factor da contração prosodica coexistiu com o dominio indigena e ainda continuou com o seu succedaneo, o portuguez.

Este factor, coevo dos dois idiomas que successivamente dominaram, não pertencendo a nenhum d'elles, deve-lhes ser um principio extranho e é necessariamente o clima.

JOÃO RIBEIRO.

(1) Do Inglez, só se entendem os vocabulos de origem romantica.

HISTORIA VERDADEIRA

Tradução para A Semana—por A. Furtado

Deus vé a verdade, mas não a manifesta logo.

Nacidade de Vladimir vivia um jovem mercador chamado Aksenov.

Tinha de seu dois armazens e uma casa. De apparencia agradável Aksenov era louro, de cabellos creapos, amigo do bom humor e das canções. Na mocidade bebia muito e se tornava ruidoso quando bebia. Porém uma vez casado, isto muito raramente se deu.

Em um dia de verão se decidiu Aksenov a ir a feira de Nijni-Novogrod. Como fizesse ns deapidas accudiu a mulher.

— Ivan Dmitriévitch, não te vae hoje. Tive um má sonho contigo.

— Poz-se Aksenov a rir:

— Tens medo que faça alguma dou-dice na feira.

Respondou-lhe a mulher:

— Nem aei mesmo de que tenho medo. Só sei que tive um má sonho. Vinhas da cidade, tiraste o chapéu e eis que te vi toda branca a cabeça.

Aksenov ee poz a rir de novo.

— Pois hem! é um bom signal. Deixa-me, farei bons negocios o hei de trazer para ti bellos presentes.

Trocaram os upertos de mão e partiu. Meio caminho, juntou-se a um mercador de seu conhecimento e com elle parou para a pousada. Tomaram chá conjuntamente e foram se delatar cada um em camaras contiguas. Akseonov não era graado dormidor. Alta noite, despertando, para vingar com a froscura mais á vontade, acordou o Yamschtchik I e lhe deu ordem para atrellar. Em seguida entrou no isba ainda escuro, pagou ao patrão e partiu.

Havendo feito umas quarenta veretes (2) fez de novo alto, para deixar comereia os cavilhos, repousou-se no albergue, deaceu a escada, pela hora do almoço, e fez preparar o samovar. Tomou da guitarra e se poz a tocar. De repente chega uma trouxa com a sua campainha; e um tchinovnik (3) desce della com seus dois soldados, se aproxima de Akseonov e lhe pergunta quem é e d'onde vem. Responde Akseonov e o convida para tomar chá com elle. Mas o tchinovnik continúa a apertar-o com perguntas:

— Onde dormiu a noite passada? Estava só com o mercador? Porque deixou o albergue tão precipitadamente?

Sorpreso Akseonov por este interrogatorio, contou o que lhe acotocou; e depois disse:

— Porque me interroga tanto? sou porventura um ladrão ou um saltador? Vlaje para os meus negocios e não so teati que mo fazer perguntas.

Então o tchinovnik chamou os soldados o disse:

— Eu sou o ispravnik, (4) e se te interrogo, é porque o mercador com quem passaste á noite ultima fol degolado. Mostrame os teus papeis... E vós outros, revistne-o.

Entrou-se no isba, so tomou a sua mlu e o sacco de viagem, se os abriu e procurou em todos os escaninhos. Subito, o ispravnik tira do sacco uma faca e exclamou:

— A quem pertence esta faca?

Olhou Akseonov, viu uma faca tinta de sangue; era do seu sacco que haviam-na tirado, e o terror o invadio.

— E porque está tinta em sangue esta faca?

Akseonov quiz responder, não poute articular alguma palavra.

Então o ispravnik disse:

— Achou-se esta manha o mercador degolado no leito. A não seres tu, ninguém não podia commeter o crime. Eis que, ainda mais, uma faca apparece em teu sacco manchada em sangue. Depois, se lê o crime em teu rosto. Confessa-te immediatamente o assassino, e que comua roubaste.

Jurou Akseonov, não fóra elle o culpado; não vira o mercador depois que ambos tomaram chá; trazia consigo o dinheiro proprio eram oito mil rublos, e que a faca não lhe pertencia. Mas a voz o estrungulava, seu rosto empallidecera e tremia todo de medo como um culpado.

Havendo chamado os soldados o ispravnik o mandou amarrar e metter no curruagem. Quando oncerraram-no, com os pés arrocados, Akseonov persegno-se e chorou.

Aprehendeu-se com o diaheiro os seus papeis e se o mandou a prisão da cidade visinha. Fez-se uma devassa em Vladimir, mercadora e habitantes unisonos declararam que Akseonov, posto amasso desde n mocidade beber e ao divertir, era um homem hcaesto.

Correu o julgamento e se o accusou de hver assassinado o mercador de Riazan e lhe haver subtrahido vinte mil rublos.

A mulher de Akseonov desolada não sabia o que peosar disso. Seus filhoa eram pequenos; um delles creança de peito ajuda. Tomou-os consigo e partiu para a cidade onde se acabava o marido. A procição não lhe permitiram vel-o, mais depois á instancias, foi lhe concedido. Avistando-o com a roupa da prisão, algemado, de mistura com os saltadores, ella cahiu por terra e não ponde, por algum tempo, voltar a si. Depois, acorrhagado os filhos, se assoutou ao lado de Akseonov, deu-lhe coato dos negocios da casa e pediu-lhe oarrase o succedido.

Contou-lhe tudo. E lhe disse ella:

— Agora, o que fazer?

— Supplicar ao czar; porque não se póle punir um innocente.

Disse a mulher haver dirigido uma supplica ao czar; mas que não lhe seria transmittida.

Akseonov, scsbrunhado, não respondeu.

E disse-lhe a mulher:

— Não foi em vão o meu sonhe, recordate, quando te vi com os cabellos brancos. Eis-te realmente encanecido pela dor. Não deverias ter partido.

Passou-lhe a mão pelos cabellos e disse:

— Vania (5), caro amigo, diz a verdade á tua mulher... Não foste quem matou?

— Também tu acreditas?

— E occultando o rosto nas mãos elle chorou.

Um soldado appareceu; e annunciou á mulher e aos filhos que era tempo de se retirarem.

Akseonov deu o ultimo adeus á sua fauilla.

Quando a mulher partiu, elle repassou no espirito a conversa recente. Lembrando que sua mulher tambem acreditava nisso e lhe perguntara se fóra o que matou o mercador, disse:

— Deus só conhece a verdade. E' a elle que é preciso implorar. Esperemos de sua misericordia.

O julgamento condemnou Akseonov ao knout e depois aos trabalhos forçados. Assim se fez.

Vergastaram-o, e cicatrizadas as feridas, se o enviou com outros galés para a Siberia.

Na Siberia, nos trabalhos forçados, ficou Akseonov vinte e seis annos. Seus cabellos tomaram a brancura da neve e a longa barba grisalha lhe cabiu a prumo. Desapparecera toda a alegria. Curvava-se, começava a arrastar, fallava pouco, não ria nunca e muitas vezes orava a Deus. Na prisão aprendeu a fazer botas. Com o dinheiro ganhado comprou um Martyrologio, que lia quando se fazia luz no carcere. Nos dias de festa ia a espelta da prisão, lia os Apostolos e cantava no coro: tinha sempre a sua bella voz. Amavam-no as autoridades pela sua docilidade; tinham-no em estima os companheiros e o chamavam «Avós, shomon de Deus».

Quando os presos tinham alguma cousa para pedir era elle o que apresentava a petição e os forçados quando altercavam escolliam-n'o como arbitro. Não lhe escrevin alguém de sua casa, ignorava se a mulher e filhos viviam ainda. Um dia chegaram ao presidio avos galés. A noite, os antigos inquiriram dos novos quaes cidades e aldeias haviam deixado e os motivos. Akseonov se aproximou tambem, e ouvia, de cabeça baixa, o que diziam. Um dos novos era um velho de sessenta annos, de elevada estatura, barba grisalha e aparada. Contava por quaes razões fóra condemnado:

— Foi assim, meus irmãos, in elle dizendo, que se me enviou para cá por cousa nenhuma. Desatrellei o cavallo de um trenó: agarram-me dizendo que eu roubava. «Só queria andar mais depressa; bem vêdes que soltei o cavallo... Além disso o yamschtchick é meu amigo... Não ha pois crime.» (Não, disseram, tu roubaste.) Não sabiam onde, nem quando roubei. Certamente fiz algumas delictos, que ha bem tempo, me deveriam trazer aqui. Mas nunca se mo apañhou em flagrante. E hoje é contra todas as leis que me deportam. Mas esperemos... eu já estive na Siberia, mas não feurei por muito tempo...

— E donde vem? ionlagou um dos forçados.

— Sou da cidade de Vladimir. Son meschtschanie (6) dessa localidade. Chamo-me Makar, e, tenho de meu pae o nome de Sémionovitch.

— Akseonov levantou a cabeça e perguntou:

— Eh! Sémionovitch, não ouviste falar na cidade de Vladimir dos mercadores Akseonov?

— Vivem aiada?

— Como pois! uns são ricos mercadores, posto que sen pae esteja na Siberia... Sem duvida que elle peccou como oos outros. Akseonov não gostava de falar de sua desgraça. Suspirou e disse:— E' por meus peccados que estou nas galés, ha vinte e seis annos. Makar Sémionovitch perguntou:

— E por quaes peccados?

— E' porque eu marecia, reapouei simplesmente Akseonov.

Não quiz dizer mais. Os outros ficaram, porém, seus companheiros, contaram aos recém-chegados porque Akseonov se achava na Siberia como furante a viagem, alguém assassinara um mercador e collocara entre os papeis de Akseonov uma faca tinta de sangue, e como, por causa disso, se o condemnara injustamente.

Isto ouvindo, Makar Sémionovitch lançou um olhar sobre Akseonov; bateu nos joelhos com a mão e exclamou:

— Oh! que proligio! Eis um proligio! Ah! tu envelheceste hem, avo-sinho!

Pergrataram-lhe porque assim se admirara, onde tinha visto Akseonov; mas não respondeu Makar; disse somente:— um proligio, irmãos, que a sorte nos reunisse aqui.

A estas palavras, Akseonov, julgou que este homem devia ser o assassino, e lhe disse:

— Ouviste falar neste negocio, Sémionovitch, ou já me viste em outro logar?

— Como pois? Eu ouvi fallar disso: a terra está cheia de ouvidos. Mas ha já bem tempo que isto foi, e o que se me disse esqueci, respondeu Sémionovitch.

— Talvez souheste quem matou o mercador? interrogou Akseonov.

Makar se poz a rir e disse:

— Mas esse em cujo sacco se achou a faca, foi sem duvida quem matou. Se alguém poz a faca entre os teus papeis, não se lo apañhulo, não foi o ladrão. E depois, como poderiam por uma faca em teu sacco? Tu o tinhas a cabeça; terias ouvido. Ouvinde estas palavras, Akseonov viu bem que era o homem que assassinara o mercador.

Levantou-se e se poz em caminho. Essa noite toda não ponde Akseonov dormir.

Cahio num acabrunhamento profundo. Teve, então, sonhos: ora era a mulher que via como no dia em que lhe acompanhara a ultima feira; via-a ainda viva, o rosto, os olhos, a escutava falar e rir; ora os filhos lhe appareciam, como eram, então, muito pequenos, um envulvido em um manto forrado, outro de peito.

E se revia alegre, moço, asseado e tocando guitarra sobre o patamar do albergue onde havia sido preso e se lembrava do logar infamante onde se o apañara, o carrasco e a multidão em roda e os ferros e os forçados e os seus vinte e seis annos de prisão. Pensou na velhice; e um pesar se apoderou de Akseonov.

— E tudo, por causa desse banlido! pensou.

E sentio-se tomado de tal colera contra Makar que desejou morrer nesse momento para que não se vingasse. Orou, noite toda, sem poder se aquietar. Ao dia seguinte não se aproximou de Makar Sémionovitch, e não o olhou mais.

Assim passaram quinze dias. As oites Akseonov não podia dormir, e era presa de tanta abo tedio que não sabia onde se metesse. Uma vez, durante a noite, como estivesse a passear na prisão, percebeu que por detraz de uma tarimba cahia terra.

Parou para ver o que fosse. Subito, Makar Sémionovitch sahio precipitadamente de baixo do leito e bictou Akseonov com espaaço. Akseonov quiz passar para não ver, mas Makar o tomou pela mão e coatou como cavara um buraco no muro, como todos os dias levava terra em suas botas para lançar á rua, quando se puuham em trabalho. E ajuntou:

— Sômente, guarda segredo, velho. Eu te levarei commigo; se tu falas me baterão até á ultima, mas tu me pagarás; eu te matarei. Vendo o que o tinha perdido Akseonov tremou de colera, retirou a mão e disse:

— Não tenho vontade de fugir, e tu não tens necessidade de me matar; já, ha muito tempo, me mataste. Quanto a te doanniciar ou não a Deus compete.

No dia seguinte quando se levava os forçados para o trabalho acotaram os soldados que Makar esvasiava as botas de terra; fez-se busca na prisão e achou-se o buraco.

Veio o chefe e indagou quem tinha feito. Negaram todos. Os que sabiam calaram porque não igooravam que Makar seria por isso batido até «meio morto». Então, o chefe se dirigio a Akseonov:

— Velho, disse, tu que és um homem justo, diz-me diante de Deus quem fez

quillo; Makar Sémionovitch ficou impassivel, olbava o chefe sem se vntar para Akseonov. Quanto a Akseonov seus braços e seus labios tremiam, não podia proferir uma so palavra.

— Calar-ma! pensava; mas porque lhe perdoar, se foi ella quem me perdeu! Que pague a minha turtura. Falar... é veriahe que se o coatorá até a ultima... E se não é elle, se não é o assassino que eu penso... E depois isto me consolaria?

— O chefe renovou a pergunta.

— Akseonov olhou Makar Sémionovitch e disse:

— Eu não posso dizer, vossa nobreza, Deus não me permitta dizer; e eu não vos direi.

Paras de mim o que vos aprover; vós sois o senhor.

Apesar de todos os esforços lo chefe Akseonov não disse mais nada. E foi assim que não se soube quem cavara o buraco.

A' noite seguinte, como Akseonov, estendido em sua mca, se fosse a dormecer, ouviu alguém se lhe aproximar a se por a seus pés. Olhou ao obscuro e reconheceu Makar. Akseonov lhe disse:

— O que ainda queres de mim? que fazes tu?

Makar Sémionovitch guardou silencio. Akseonov se levantou e disse:

— Que queres tu? Vae-te, em tu cabano a guarda.

Makar se inclinou sobre Akseonov, muito perto d'elle, e murmurou:

— Ivan Dmitrievitch, perdoa-me!

— O que! perdoar-te o que? disse Akseonov.

— Eu fui o que matou o mercador, o colloco u faca em teu sacco. Querias-te matar tambem, mas neste momento fizeram rumor no pateo, paz a fica em teu sacco e fugi pela janella.

Akseonov guardou silencio; não sabia o que responder.

Makar Sémionovitch deixou-se destilar do leito e prostrando-se em terra, disse:

— Ivan Dmitrievitch, perdoa-me em nome de Deus, perdoa-me. Vou declarar que fui eu quem matou o mercador, serás livre e partirás pura os tous.

E Akseonov disse:

— Isto te é facil dizer. Mas quanto a mim, tenho muito soffrido aqui. Onde eu iria agora? Miolla mulher morreu, meus filhos esqueceram-me. Não tenho algum logar onde vi.

Makar continuava prostrado. Batia com a fronte na terra dizendo:

— Ivan Dmitrievitch, perdoa-me. Quando se me bateo com o knout meaos sentido que agora, veulo-te assim...

E tens ainda piedade de mim e não me denuncias. Perdoa-me em nome do Christo, perdoa ao malfetor maldicto e se poz a soluçar.

O que ouvindo, Akseonov se poz a chorar tambem e disse:

— Deus te perdoará! Talvez eu seja cem vezes peor do que tu. E sentio immediatamente uma alegria lhe inundar a alma. Cessou de ter saudades de sua casa; não desejava deixar a prisão e não pensava senão o ultima hora.

Makar Sémionovitch não ouviu Akseonov e declarou-se o culpado. Quando a ordem de liberdade chegou para Akseonov... este tinha morrido.

L. TOLSTOI.

CORES VIVAS

ndo ao circo pra' ver nma panthera Por certo domador domesticada, Vi duas damas sobre a archibancada, Lembra do Aurora e par da Primavera.

Uma, trazia roupa cor da esphera Celeste;— tenda anzi de astros orada; Trazia a ontra a cor avermelhada Que ha nos mantos reaes e o incendio gera.

A do vestido azul, dos seus polhos Diamantes,— soes radiosos,— nplantes, Vertia mais fulgor do que as gambiarras!

A de rubro, da fera sate os rugidos, Parecia que o Pow, já saagreata, Tinha-a arrancado da pothera ds garras...

HENRIQUE DE MACALHÃES.

(1) Postilhão.
(2) medida valendo 1 m. e 67 c.
(3) Funcionario publico.
(4) Commissario de policia.

(5) Diminutivo de Ivan.
(6) Veadeiro.

ESTILO DE 1400

Foy este livro corrogido e reuisto, com muyta diligencia, mas, mais dignos de venia que de reprhonsom, os imprimeadores nom repayrarão os erros feytos, em diversos lugares da obra, por muy pobres de valia e por abastar o amercamento dos ledores, dos quaes as virtudes são muytas e em sy meenas muy grandes l

Em quanto se abre ou garra o olho, hum caymento de artifice lança erro no fiuro e não ha impedido, nem com vomitar regras e demonstranças.

Assy foi que, em folha 123, linha 17ª, pôde esquecimento substitiuo pô do esquecimento. Salvasse, nesta, o erro, como grosso,—por ventura fosse elle sem despreuio pero leior—só para allucar o precepto supernal: «*Pulvis es et in pulvere revertetis*»

E posto que ds outros vocablos, algus se ache, com carencia de correição, emgeitamos para elles a errata; afim que o liuro não sofra tardança da nasença.

E, como no *Floral de Penella*, termino: Eu, Alfredo Camarate, que este liuro fazer encomendey, com minha mão o rroborey e este signal fige ✦

†Epilogo-errata do livro *Et cetera*.

GAZETILHA LITTERARIA

Uma carta de Taine

Tendo se divulgado que Taine, o eminente critico francez, dissera em palestra que a litteratura ingleza era superior à franceza, entendeu o illustre escriptor enviar uma carta ao *Journal des Debats*, carta que se pôde considerar uma verdadeira profissão de fé. Nella, depois de ter declinado successivamente os nomes dos sabios de varios paizes, Taine se exprime pela seguinte maneira:

« Nas materias em que eu sou menos ignorante, como em Litteratura e Historia, creio que a poesia ingleza, sobretudo a poesia lyrica e narrativa, desde Byron, Keats o Shelly até Tennyson e aos dous Browning, é, na Europa, a primeira de todas. Em compensação, temos na França os maiores dos dramaturgos vivos—Augier e Alexandre Dumas.

« Em prosa os Francezes me parecem, pelo menos, sguaez aos inglezes; considero Balzac como o mais poderoso creador de almas que tem apparecido depois de Shakespeare; nenhum critico, em qualquer litteratura pôde ser comparado a Saint-Beuve. Considero a *Chartreuse de Parme* como uma obra prima ds psychologia litteraria e a maior publicadã até hoje. Pelo ostylo, pela perfeição, pela intensidade e correção do colorido, *Madame Bovary* não tem rival. Cinco escriptores e pensadores: Balzac, Stendhal, Saint-Beuve, Guizot e Renan são, a msu ver, os homens que, desde Montesquieu, têm mais ampliado o conhecimento da natureza e da sociedade humana.

« Actualmente, diz ainda Taine, estamos no fim de um periodo litterario; o que não impede de reconhecer o renome nascente de alguns historia-doras, como Lavisse, Sorel, Thureau-Daguin.»

Terminando, ajuncta o illustre escriptor: «Pôde-se affirmar, e eu o creio verdadeiramente, que na exposição universal das litteraturas, a França apresenta, desde sessenta annos, tão grandes idéias s tão bellas formas como os mais distinctos dos seus concurren-tes.»

Livros

Appareceram os seguintes: — *Sapho*, de Alphonse Daudet, nova edição, illustrada a capricho por Myrbach e Rossi;

Paradis des Enfants, interessante trabalho de André Theuriot; *Une lune de miel à Mont-Carlo*, romance dos mais encantadores e onde se encontram todas as qualidades ds verve comica, de observação e de delicadesa descripiva do seu nuctor, Adolpho Belot; (esta obra é finalmente illustrada); *Toussaint Galabru*, de Ferdinand Fabre, bellissimo romance, que em folhetins foi publicado no *Gil Blas*; *Les causes grasses et les causes maigres*, de Gaston Lèbre; este livro é recommendavel aos hypocondriacos: tem graça, faz rir a não poder mais; e Hippolyte Buffenoir um volume ds poezias *Cris d'Amour et d'Orgueil*. Fizeram tamanho successo estas poesias, realinsnte soberbas, que se sgotaram em poucos dias algumas edições. Hippolyte Buffenoir é um poeta novo e que se collocará em breve a par dos maiores poetas francezes; *Souvenirs d'un impresario* de Maurice Strakoske. É um livro em que se acham curiosos documentos, quasi inéditos, sobre Patti, Nilsson, Nicolini e muitas outras personalidades artisticas, e *Un Joli Monde* curiosissima obra de G. Macé, ex-pre, feito do Senna, em que se contam os mysterios dos crimes parizienses e os secretos trabalhos da policia para reprimil-os e castigal-os.

Appareceu mais o primeiro volume das memorias dos irmãos Goncourt, escriptas quotidianamente por elles em um periodo de cerca de trinta annos.

São interessantissimas, a julgar pela parte comprehendida no primeiro volume, intitulado *Journal des Goncourt*. Concluias, representarão um extraordinario trabalho de critica litteraria s artistica, um preciosissimo repositorio de notas e observações pessoais sobre milhares de cousas, pessoas, idéias e sensações.

D'esse livro notavel daremos no proximo numero alguns excerptos.

S.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Realizon-se hontem, com a representação do *Comde de Monte Christo*, um espectáculo em beneficio das victimas dos ultimos terremotos na Italia, promovido por uma commissão de cidadãos italianos, para esse fim nomcada pelo Consulado d'Italia.

PHENIX DRAMATICA

Prepara milagres: *Os milagres de Santo Antonio* e *Os milagres de Nossa Senhora da Penha*.

Vae desligar-se temporariamente d'esta companhia a actriz Maria Augusta que parte depois d'amanhã para Minas, onde vae tratar do restabelecimento de sua saude.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Vae abrir com uma companhia de zarzuela, esperada brevemente de Pernambuco.

LUCINDA

Na proxima terça-feira *première* do *Serment d'amour*, de Audran, traduzido com o titulo de *Gallo de ouro*.

PRINCIPE IMPERIAL

Proximamente *A Rainha do carnaval*, de Lecocq.

Fazem parte da companhia Kaylus os estimados artistas Machado e Montedonio.

SANT'ANNA

Fechado.
A companhia do Heller já se estreiou em S. Paulo com a *Touinegra do Templo*, alcançando enorme successo e sendo o Guilherme de Aguiar muito applaudido.
P. TALMA.

JORNAL E REVISTAS

O n. 238 (primeiro do vol. 37) da *Gazeta Juridica*, correspondente a 15 do andante, traz a continuação do importante estudo do seu redactor, Dr. Carlos Perdigo, sobre as escolas de Direito no Brazil, muitas decisões de superiores instancias sobre graves especies de jurisdicção civil, doutamente annotadas, e muitas decisões de varios ministerios, inclusive as ultimas do ministerio do imperio sobre exames preparatorios e nas Faculdades de Direito.

Cada vez se recommendaria mais este precioso repositorio de jurisprudencia, legislação e doutrina juridica ao apreço dos interessados se por ventura carecesse de se recommendar ainda.

É uma publicação que honra a nossa pauperissima imprensa juridica s o seu illustrado s opresso redactor.

Diario Mercantil

Tanta amizade tem sabido fazer entre os collegas e tantas sympathias conquistado no publico, que o seu quarto anniversario, a 15 do corrente, foi um verdadeiro successo. Telegrammas, cartas, brin-les, cumprimentos choveram-lhe de toda parte. Todos os collegas de lá como de cá dedicaram-lhe extensas e entusiasticas noticias. O nosso companheiro *Filindal*, actualmente em S. Paulo, fez aos redactores do excellente jornal paulista o seguinte soneto:

A LEO-PAR

(No anniversario do «Diario Mercantil»)

Inda ha bem pouco tempo Ezequiel,
Não o propheta, o Freire, que é mais limpo—
Desceu da paz do seu radioso Olympo
Sobre nove ou dez azas de papel;

E, velho amigo, amigo certo e fiel,
No nome vos ligou que em cima chiupo.
Hoje aproveito esse bisnome e grimpio
Contra percalços, todo calda e mel;

Tode doçuras, de mellurias cheio,
Lá vou cantar em verso o novo Abril,
Que ha de de outros Abris ser fundo veio.

Afin, pois, o pristino arrabil
E cá espero o convite, que não veio,
Para a ceia ideal do «Mercantil».

FILINDAL.

A Vida Semanaria, n. 2. Elegantemente redigida. Apparecem as *Cartas Fluminenses* de Rodrigo Octavio, versos de Emiliano Pernetta, de M. Braga e de Leoncio Correia; no seu *Movimento Literario* promette falar da *Lyrica* de Filinto de Almeida.

Temos os ns. 3, 4, 5, 6, e 7 do 9º anno d'*A Mãe de Família*. Excelente publicação e que a nosso ver deveria ser lida por todas as mães de familia pois ella lhes fornece preciosos auxilios s indicações sobre a alimentação e educação das crianças. Ao Sr. Dr. Carlos Costa, seu redactor principal, agradecemos a offerta d'esses exemplares.

Antes tarde do que nunca, lá diz o adagio: foi o que dissemos ao recerber *A Ventarola*, que desde o seu nascimento só agora é que nos visitou.

Ingrata! a gente a esperal-a com os braços abertos e a eucantadora a fugir, a fugir... Venha de lá esse abraço, assim, assim, mais apertado, mais! E saiba que é sempre recebida com especialissimo agrado, embora nos tenha de afimetar. E appareça, collega, sempre alegre, chistosa e elegante, por muitos annos e bons. É o que francamente desejamos, que para consnguil-o tem o lapis do Netto e o muito espirito do seu incognito redactor.

O n. 7 do *Brazil Illustrado* traz um retrato do Dr. J. M. Velho da Silva, varias gravuras e nas suas *Palestras historicas* dois desenhos—*Caravela do seculo XVI* e *Descoberta do Brazil*. Tem graça a historieta *Uma tropa de... botas*, que com os *Tipos e Costumes* fecham este numero.

A *Quinzena* ns. 6 e 7. É uma interessante folha litteraria que apparece na Fortaleza (Ceará). Pertence ao *Club Litterario*.

O seu numero 5 é de agradável leitura s o n. 6 contem um artigo *O Papel da Poesia*, de Farias Brito, o varios trabalhos; d'entrs estes um soneto *Jesus*, de V. Brigido, que seria bom se não manquejaescom este verso:

Esta legenda santa: Liberdade e Amor.

— *Revista Illustrada*, n. 453. Na primeira pagina uma bolla alatoria é fallada substituição de S. M. o Imperador na proxima abertura das Camaras: quarta fina allusões ás recntes questões da imprensa; a 2ª e 3ª dão-nos a continuação das aventuras do *Ze Calpura*. O texto variado o scintillante de graça.

S.

TU QUOQUE...

(Versos recitados no lunch de despedida a Olavo Bilac, a 21 do corrente.)

O Olavo parte!
Faz muito bem,
Pois que isso de Artc
Não dá vintem.

Viverem poetas
Neste paiz?!
Pega as Pandectas!
Vae ser juiz!

No bumbral ataca
Da Inspiração
Esta outra placa:
— Dr. Lobão—

E da memoria
Remove bem
Toda essa historia
Que ella contem,

E' vasculha-a;
Lavar, varrer,
Como a uma sala
Que vae se encher.

E' um thesouro
Tua lyra, sei:
E' toda de ouro,
De ouro de lei.

Themis por ella,
Certo te dá
A espada bella.
Mas olha lá.

Se é inteiriça...
Verga-a, oleró!
Que de cotiça
As vezes é.

Depois... que asome
Pelos jornaes
Sempr' teu nome
Como um cartaz.

E bão de vir vindo...
E ocobre assim
Irã c'rhindo:
Tlim, tlim, tlim, tlim!

Enfim se a sorte
For, poeta, má,
Um outro norte
Se te abrirá:

Com 'spalhafato
Do rei falar...
Ser candidato,
Subir... Calar...

Vae! galga a serra
Traze os papois;
Que esta é a terra
Dos bachareis!

ALB. SILVA

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Congresso Brasileiro

A nova directoria d'esta brilhante associação promovos para hoje um sarau-concerto, que, a julgar pelo programma, é destinado a continuar as gloriosas tradições do Congresso.

Club Tiradentes

Comemorou ante-hontem o 95º an-

livrario da morte de Tiradentes, o martyr da Inconfidancia mineira.

No salão do Conservatorio de Musica effectou-se, a 20 do corrente, a 8ª sessão de musica de camora, promovida pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro.

A Sociedade Praeozza de Beneficencia prepara uma grande festa de caridade para o proximo sabbado, 30 do corrente, no theatro S. Pedro de Alcantara, a qual constará de um bem orgaunizado concerto, assalto de esgrima, tombola e baile.

O producto da festa revertará em favor dos cofres da referida Sociedade, a qual bona serviços tem preestado á colonia.

Agradecemos a delicadeza do convite.

LORGNON.

COLLABORAÇÃO

PAISAGEM

A. D. A. S. S.

Desenha, Adelia!... Pinta nesta tela Montanha encantada e magestosa; Nas frealdas da montanha estende, ó bella, Uma lagoa calma e voluptuosa.

Na praia, faz brotar, entre os rochedos, Pés de cardo de frutos rubicundos; Enche o espaço dos astros e dos mundos. Que lada nos homans occultão seus segredos.

Sulcando as verdes agoas da lagoa Põe, Adelia gentil, uma canoa Linda moça á levar adormecida.

Tudo esplendido, tudo, toas talento!... Faço um reparo só, neste momento: Falta a esse quadro animação e vida.

JOÃO MOTTA D'AZEVEDO.

CONTOS SINGELOS

M. L. E.

Foi aquelle quartinho branco e festivo da fazenda que ella teve a incomparavel ventura de ser mãe... Como ella se sentia feliz quando levantava a filha á altura dos labios e a beijava longamente, fitando-a com os seus grandes olhos castanhos cheios do carinho e ternura.

Pôra proposto ao marido um negocio vantajoso na cidade, e era preciso andarem-se; como ella sentia ter de abandonar o quartinho branco e festivo da fazenda!

Porém consolava-se porque levava consigo o seu thesouro, aquella criancinha loura e meiga que lhe affagava o rosto com as miudinhas pindudase rias e ingenuamente ás festinhas do pai.

Chegou afinal o dia da partida, tudo estava pronto, e ella despedia-se dos parentes que ficavam, com os olhos cheios de pranto; conseguiu afinal desprender-se dos braços das irmãs e das tias e partir...

Como lhe pareceram logaos os primeiros dias que passou na sua nova residencia!

Que immensas saudades tinha do farfalhar das rvores do pomar, a cuja sombra iam todos sentar-se aas horas quentes de dia, e cujos fructos dourados saboreavam com prazer ao som da palestra o das risadas juvenes; da soberba cascata que despenhava-se esturruindo do cimo da serra e cahia em tarbilhões de espuma, transformando-se em naneo rincho que atravessava a campina atapetada de relva; do gorgojo melancolico do sabão, que pousado nas grimpas da laraageira saudava o crepusculo; de tudo emfim ella tinha saudades.

Todas as tardes o marido contava-lhe cheio de amor e confiança os passos que dava e os grandes lucros realizados; ella ouvia-o com respeitooso silencio, ora levantando para elle os seus grandes olhos castanhos cheios de carinho e ternura, ora beijando longamente a filha nos labios.

Aproximava-se S. João e resolveram passa-lo na roca; ficariam lá uma quinze dias.

Que prazer! Ia sentar-se outra vez á sombra das suas queridas arvores! Ia sorver com delicia o aroaa das suas flores predilectas!

Quando apearam no terreiro da fazenda foi uma verdadeira festa; o sorriso illumiaava todos os rostos, de todos os labios partim phrases de contentamento, todos os olhos estavam humidos!

Ella percorreu sandosa toda a casa e com os olhos rasos do pranto entrou naquelle quartinho branco e festivo onde teve a incomparavel ventura de ser mãe.

LUCIA.

A BRIZA

A briza passa levando Um turbilhão de primôres, Leva em seu vôo ligeiro Um collar feito de flores.

Da sonora melodia Leve os sons apaixonados, Das flores leva o perfume Aos olfactos delicados.

Dos sonhos leva os eucantos, Levando a grata illusão Que faz com que suavise As dores do coração!

Faze um bouquet, doce brisa, Dos tristes suspiros meus, E, alforarado de prantos, Vae depoi-o aos pés de Deus.

MARIA CLARA VILHENA DE CUNHA.

FACTOS E NOTICIAS

Alberto de Oliveira

Continúa infelizmente enfermo o grande poeta dos *Sonetos e Poemas*, que depois de ter entrado em convalescença, recahiu, aggravando-se n inflammation. O illustre enfermo tem sido ultimamente visitado por mais de 400 pessoas em sua residencia. Entre os visitantes contam-se Luiz Delfino, Raymundo Correia, Alcibiades Furtado, Rodrigo Octavio, Olavo Bilac, Augusto Bastos, Alberto Silva, Cezar Mattos, etc., etc.

Alberto continúa aos cuidados do Dr. Leal Junior, que tem mostrado extremo desvelo em seu tratamento.

Partiu ao dia 18 pnrn as agoas de Lambary o estimado fazendeiro de Cantagallo o Sr. Antonio Lutterbach com sua Exma. familia.

Desejamos promptas melboras na saude de sua Exma. esposa.

Lucio de Mendonça e Raymuado Corrén, nossos queridos colaboradores, partim no dia 20, depois de uma pequena estada nesta Côte, para a cidade de Valeaça aquelle, e este para Vassouras.

Olavo Bilac

Partiu hontem para S. Paulo, em cuja Academia vae matricular-se teado abandonado o curso de medicina ao quinto anno, o nosso estimadissimo collaborador Olavo Bilac, a *Phébo-Apollo* das adoraveis *Cartas do Olympo*, o vigoroso e inspiradissimo poeta da *Tentação de Yencrates*, e da *Delenda Carthago*, o primoroso ciazeldor do *Profissão de fé*.

Ante-hontem, offereceram-lhe alguas dos seus muitos amigos um modesto lunch.

Foi uma intima festa de rapazes, admiradores sincéros, alem de sinceros amigos do poeta, singela, desprentenciosa, alegre, da genero *espana-burguez*. Eis n originalissimo menu, elegaamente impresso em cartões com os aomes dos convivas do lunch, tendo no

ngulo esquerdo superior uiaa cabeça de passaro, rompenlo a papel, e no bico uma caneta com penna:

« O adeus ao Bilac

em 21 de Abril de 1887

Acta

Assorties aos Gremistas.

Expediente

Sardines truffées á Valentim.

Poisson á Viriato.

Cotelettes á Couraudo.

Poulet á Dario.

Ordem do dia

Gelatine á Arthur Azevedo.

Pudrag á Rodrigo Octavio.

Fromages, Vins, &c.

Muitos briales foram erguidos, principalmente a Olavo, á sua familia, to seu futuro á academia de S. Paulo, quia ter a honra de receb-lo em seu seio, a Alberto de Oliveira, intimo amigo o companheiro de Olavo, que estando enfermo, presidia espiritualmente o lunch, representado-o um talher com n menu teado o seu nome impresso.

Para o brinde de honra foi designado Valentim Magnilhes que brindou a Poesia, representada em um dos seus grandes sacerdotes—Olavo Bilac.

Um cordilissimo preito de admiração e estimo. Em outro logar publicamos os ligeiros e engraçados versos lidos por Alberto Silva e muito applaudidos.

Ao joven e illustre poeta desejamos de coração ininterrompida serie de estrepitosos triumphos e que continue a honrar as nossas colunmas com a sua preciosa collaboração.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante de Magé que nos dirigio uma consulta, com data de 22 do corrente, temos a lizer que obterá a competente resposta logo que maade quitar-se pelo corrente aaaa.—

Sr. Thomaz de Queiroz—Casa Branca. —O seu debito, até 31 de Março proximo passado, é de réis 78500, que pôde enviar-nos em carta registrada com valor declarado ou entregar ao nosso agente actualmente em viagem á essa provincia.

Sr. J. de P. S. Diniz—Côrte.—Os numeros pedidos ser-lhe-hão remettdos com o indice, prestes a publicar-se.

RECEBEMOS

—*Lôlôta*—E' uma bonita polka do Sr. Henrique de la Pena Gusmão.

—*Journal dos Economistas*—a. 7.

Muito bom.

—*O Zé Capôra*—Revista comica dos acontecimentos do anno passado, do Dr. Pederneiras.

—*Lição Inaugural* do curso de chimica organica e biologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Dr. Campos da Paz.

—*J. Estêvão*—a. 7, anno XVI. Traz elegantes figurias.

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

PORTUGAL

Lourenço Marques de Almeida, proprietario da Agencia Commercial Portugueza, annuacia aos clientes desta casa ao Imperio do Brazil, que, tencionando ir a Portugal no proximo mez de Maio, se eacarrrega de pessoalmente tratar naquelle paiz de qualquer negocio de que o queiram incumbir, como: comprar ou vender quaesquer geaeros, bens de raiz ou papeis de credito; entregar nu receber valores em moeda ou papeis; pagar ou receber dividas; intentar açoes civis ou commerciaes; promover habilitações de herdeiros e mandar fazer pesquisas sobre quaes-

quer heranças; levantar quantias depositadas em bancos ou quaesquer repartições publicas; legalisar documentos; contractar colonos ou industriaes; fazer admitir ebrindos nu estuantes de matricula em qualquer dos collegios ou academias do Portugal; prover a pagamentos de mezaes e demais dispenhos e, finalmente, to los os demais encargos de que esta casa se occupa, quer do Brazil para Portugal, quer de Portugal para o Brazil.

A commissão a cobrar pela execução de qualquer encargo, sera moderada e sempre proporcional á importancia e difficuldade do encargo.

N. B.—Para compra de generos ou quaesquer objectos; para pesquisas ou principios de liquidações d'herança cuja sequencia seja duvidosa; ou para quaesquer outros encargos cujo dispendio não possa por outra forma ser garantido, terão necessariamente os cametentes de depositar uma quantia nu prestar fiança.

ANNUNCIOS

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphites de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradável, possui todas as virtudes mediciaaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tónicas e reconstituintes dos hydropophosphites. A' venda nas drogarias e boticaes.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRELDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

FABRICA PEROLA

Torrificação de café

Este afamado café vend-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIAS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRIMALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRIPTORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, panhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONAL**CARLOS MORAES & C.**
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO**INTRANSFERIVEL! INADIAVEL!****GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIAVEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio.
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.

100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.
Com a pequena importancia de 18 floa-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Goncalves de Queiroz, agente geral**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.